



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

MARIANA KARINA DE ARAÚJO COSTA

**MEMÓRIAS DE ONTEM, REALIDADES DO HOJE: DA OCUPAÇÃO BROTOS ÀS
TRANSFORMAÇÕES SOCIOURBANÍSTICAS DO BAIRRO ITARARÉ (CAMPINA
GRANDE- PB)**

CAMPINA GRANDE - PB

2020

MARIANA KARINA DE ARAÚJO COSTA

**MEMÓRIAS DE ONTEM, REALIDADES DO HOJE: DA OCUPAÇÃO BROTOS ÀS
TRANSFORMAÇÕES SOCIOURBANÍSTICAS DO BAIRRO ITARARÉ (CAMPINA
GRANDE- PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Ciências
Sociais da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho

CAMPINA GRANDE - PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837m Costa, Mariana Karina de Araújo.
Memórias de ontem, realidades do hoje [manuscrito] : da ocupação Brotos às transformações sociourbanísticas do Bairro Itararé (Campina Grande - PB) / Mariana Karina de Araújo Costa. - 2020.
28 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho, Departamento de Ciências Sociais - CEDUC."
1. Requalificação urbana. 2. Campina Grande - Paraíba. 3. Transformação sociourbanística. 4. Memória. I. Título
21. ed. CDD 711.4

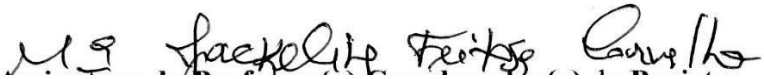
MARIANA KARINA DE ARAÚJO COSTA


MEMÓRIAS DE ONTEM, REALIDADES DO HOJE: DA OCUPAÇÃO BROTOS ÀS
TRANSFORMAÇÕES SOCIOURBANÍSTICAS DO BAIRRO ITARARÉ (CAMPINA
GRANDE- PB)

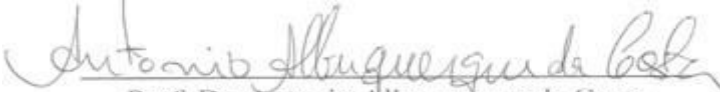
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Ciências
Sociais da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciado em Ciências Sociais.

Aprovada em: 09 / 12 / 2020 .

BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Dr^a. Maria Jackeline Feitosa Carvalho (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DCS)


Prof^a. Dr^a. Waltimar Rodrigues Batista Lula
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DCS)


Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba

A Deus, por estar sempre ao meu lado, conduzindo os meus passos; aos meus pais por tudo que fizeram e fazem por mim; a Deyvison por ser minha companhia de caminhada; a todos os meus familiares por todo o apoio; e a todos os meus amigos inclusive, aos que a UEPB me presenteou nesses anos, DEDICO.

*A forma de uma cidade muda mais depressa,
aí de nós, que o coração de um mortal.*

(Charles Baudelaire)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa localização Bairro Itararé	17
Figura 2: Traços da memória	18
Figura 3: Novas configurações das marcas do passado.....	19
Figura 4: Novas formas de habitar - Bairro Itararé.....	21
Figura 5: Autosegregação e consumo do lugar - Bairro Itararé.....	22
Figura 6: A chegada da UNIFACISA: entre transformações e segregação.....	24
Figura 7: Transformações em curso, desafios à permanência.....	24
Figura 8: ... E os novos moradores se fazem presentes.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DAS CIDADES – SEGREGAÇÃO	12
3 METODOLOGIA	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
4.1 DA OCUPAÇÃO BROTOS AO BAIRRO ENOBRECIDO: MEMÓRIAS DE UM LUGAR.....	17
5 CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	26

MEMÓRIAS DE ONTEM, REALIDADES DO HOJE: DA OCUPAÇÃO BROTOS ÀS TRANSFORMAÇÕES SOCIOURBANÍSTICAS DO BAIRRO ITARARÉ (CAMPINA GRANDE- PB)

YESTERDAY'S MEMORIES, TODAY'S REALITIES: FROM THE OCCUPATION OF BROTOS TO THE SOCIOURBANISTIC TRANSFORMATIONS OF BAIRRO ITARARÉ (CAMPINA GRANDE- PB)

COSTA, Mariana Karina de Araújo¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender o processo de requalificação urbana ocorrido no bairro Itararé na cidade de Campina Grande (PB), a partir do recorte da leitura que realizam os antigos moradores do bairro, partindo da seguinte problematização de pesquisa: quais as percepções dos antigos moradores acerca desse lugar? Como identificam mudanças ocorridas e os principais impactos ocasionados por elas? Para tanto, fizemos uso da *abordagem qualitativa*, dos processos sociológicos da *Análise do Discurso* e da *Sociologia da Imagem*, recorrendo, assim, à fotografia para entender as transformações ocorridas no bairro estudado. A pesquisa teve por método da coleta de dados a *observação direta*, *pesquisa de campo* e por técnica a *Entrevista Semiestruturada*. As bases teóricas do artigo tratam dos conceitos de segregação, autosegregação e requalificação urbana. Quanto aos *resultados* observa-se que os investimentos públicos e privados voltados para o bairro modificaram a dinâmica e a valorização do uso e da ocupação do solo urbano dessa área, anteriormente periférica, e hoje um dos mais caros solos da cidade. Para além das transformações físicas, cabe destacar as modificações socioeconômicas do bairro e os impactos ocasionados nas sociabilidades de seus antigos moradores com o enfraquecimento das relações socioespaciais.

Palavras-chave: Requalificação urbana. Campina Grande- Paraíba. Transformações sociourbanísticas. Memória.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: karina.araujo2130@gmail.com.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the urban recalculation process carried out in bairro Itararé in the city of Campina Grande (PB) to support the reading of the neighborhood's moratoriums, in line with the following problems: do you want to die here? How do I identify obsolete models and the main impacts of the measures in question? For this physics, the use of qualitative advice, the sociological processes of analysis of the course and the Sociology of Image, will be taken as a photograph to enter the transformations of the studies in the study of the Neighborhood. The search for a method of data collection for direct observation, field research and technique for the Semi-Structured Interview. The theoretical bases of the Article are based on the concepts of coordination, self-navigation and urban recalculation. The observed results should be public and private investments so that the Neighborhood changes the dynamics and valorization of the use and occupation of this urban area only, in the periphery, and that it has more than one city alone; To avoid physical transformations, the socioeconomic changes in the neighborhood must be affected by the impact on the social impact of its morphologists, as well as by the integration of socio-social relations.

Keywords: Requalification Urban. Campina Grande- Paraíba. Sociourbanistic transformations. Memory.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo surgiu com o intuito de dar continuidade em linha temática na área da Sociologia Urbana quanto à discussão iniciada em Projeto de Iniciação Científica PIBIC /UEPB(Cota 2018-2019),² que buscou compreender o processo de requalificação urbana ocorrida na Zona Sul da cidade de Campina Grande, em uma leitura comparativa entre os bairros Itararé e Mirante, analisando as novas formas de habitar nesses espaços, em sua associação com o consumo do local e o surgimento de novas formas de segregação. Partindo dessa problemática, temos por *Objetivo Geral* fazer um recorte a respeito da leitura do bairro Itararé na visão de seus antigos moradores, considerando que, ao longo do tempo, a memória sobre o bairro vem se perdendo, tendo em vista a modificação de seu perfil com a saída de antigos moradores e chegada de novos. Nessa perspectiva, o presente artigo propõe entender como as mudanças do processo de requalificação urbana, ocorrido no bairro do Itararé, são percebidas pelo olhar dos seus moradores mais antigos. Além disso, buscamos observar quais os impactos que tais mudanças trazem às vivências e às formas de habitar nesse lugar.

A busca para se chegar aos objetivos deste artigo se deu através da realização de Entrevistas Semiestruturadas com a escuta de três (3) antigos moradores que vivenciaram de perto as mudanças ocorridas no Itararé. Além das entrevistas, fizemos uso de fotografias que nos possibilitaram interpretar tais mudanças. Esses foram os recursos metodológicos que melhor se adequaram à nossa pesquisa de campo, alicerçada também em leituras teóricas.

O Bairro Itararé teve origem com a então Fazenda Itararé, destacando-se em meados dos anos de 1980, com o surgimento da ocupação de luta pela moradia, à época, denominada *Ocupação dos Brotos*, constituída por moradias precárias e irregulares. A origem do nome da ocupação se deu por essa se localizar ao lado de um então empreendimento, o Brotos Motel. Cabe destacar que inúmeras intervenções públicas e privadas transformaram a imagem do bairro a partir dos anos 1990, o que ocasionou o crescente número de empreendimentos imobiliários de alto padrão. Essas intervenções provocaram uma reconfiguração socioespacial do Itararé, antiga *Ocupação dos Brotos*³, promovendo um fenômeno de substituição de seus moradores. Nesse processo, antigos moradores tiveram de ser deslocados para outras áreas da cidade mais distantes do perímetro urbano.

Desse modo, tais intervenções despertaram o interesse do mercado imobiliário local, viabilizando ainda mais transformações urbanísticas e alterações nos modos de morar e habitar, modificando a percepção dos moradores, que, muitas vezes, não se reconhecem mais como parte desse lugar. O Itararé, assim, passa a se alinhar a um alto padrão construtivo, que busca dar um novo significado à área, atribuindo-lhe ares de investimentos, de modernização e de requalificação de suas funções e moradias, transformando, portanto, os tecidos físicos e sociais não só do bairro, mas de Campina Grande como um todo.

² **Tão longe da cidade, tão perto de si:** mudanças e persistências das transformações urbanas dos bairros Itararé e Mirante (Campina Grande- PB), Pesquisa Coordenada pela Prof.^a Dr.^a Maria Jackeline Feitosa Carvalho e vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre o Urbano (GEUR-/ UEPB/DCS).

³ A área correspondente à então *Ocupação dos Brotos* hoje é delimitada como ZEIS (Zona Especial de Interesse Social), em conformidade com a Lei Municipal 4.608/ 2009.

2 FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DAS CIDADES – SEGREGAÇÃO

O Brasil foi um país predominantemente rural até os anos de 1950, mas, a partir da década de 1960, passou a sofrer um processo de urbanização acentuado,⁴ o qual ocasionou uma série de problemas, a exemplo da falta de saneamento básico, moradias precárias, acesso à saúde e à educação, etc, já que as cidades não tinham o suporte necessário para abarcar um excessivo número de pessoas. Nesse contexto, a partir dos anos de 1970, os movimentos sociais urbanos, juntamente com a organização popular, passaram a reivindicar por melhorias nas cidades.

A falta de planejamento urbano e políticas habitacionais, junto com o surgimento de assentamentos precários se acentuaram no Brasil, mas precisamente no ano de 1970 estes se popularizam através do Banco Nacional de Habitação que criam os chamados programas alternativos no qual permitem a intervenção nas favelas brasileiras, por meio da auto construção e participação dos moradores no processo produtivo e decisório, logo assim acabando com a ideia de remoção total. Mesmo que por muitas vezes os programas não conseguissem o alcance necessário ou planejado eles contribuíram diretamente na criação de meios para regularizar as áreas que vinham de um processo de ocupação e eram muitas das vezes esquecidas pelo poder público.

A Constituição Cidadã de 1988 tem um marco bastante importante em nosso país, que foi a redemocratização, com ampla participação popular em sua elaboração na busca pela efetivação da cidadania. O seu Capítulo II é voltado à Política Urbana, trazendo, em seus artigos 182 e 183, melhorias para as questões urbanas, com destaque para alguns desses avanços: o poder Público Municipal, conforme as leis de diretrizes, deve ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e o bem-estar de seus habitantes; a obrigatoriedade do Plano Diretor para cidades com mais de 20 (vinte) mil habitantes; o título de domínio que assegura direito à permanência na área urbana, desde que seja destinada à moradia e que esteja lá por mais de cinco (5) anos ininterruptos, entre outros.

O combate a inúmeros problemas relacionados a questões como o aumento das desigualdades urbanas, especulação imobiliária e pobreza urbana, denotam o que representou a conquista do Estatuto das Cidades (Lei Federal nº10.257/2001, que regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal e estabelece diretrizes gerais da política urbana), dentro do parâmetro da lei, em observância ao cumprimento das funções sociais da propriedade urbana e rural.

A lei federal 10.257/ 2001 do Estatuto da Cidade tem instrumento para a regularização dos assentamentos precários e a inserção dos moradores em ZEIS- Zona Especial de Interesse Social, onde seja garantido a condição de moradia digna. No que se diz respeito a inserção urbana dos moradores dessas áreas fica claro que quanto mais próxima do Centro da cidade melhores são as condições aos acessos aos equipamentos públicos e mobilidade urbana, conseqüentemente as localizadas em áreas periféricas, ou seja, mais distantes do centro o acesso é mais restrito. Mesmo sabendo que todos tem assegurados pelo Direito a Cidade direito de usufruir coletivamente e participar da vida urbana.

⁴ No espaço de 60 anos, mais precisamente entre os anos de 1960 a 2010, a população urbana passou de 13 milhões para 138 milhões de habitantes (IBGE, 2010).

Por outro lado, observa-se o acentuado crescimento das iniciativas privadas,⁵ que vão de pequenos incorporadores a grandes empreendedores do espaço, os quais produzem em larga escala, a exemplo de condomínios de luxo, que afetam de maneira direta as dinâmicas e vivências das cidades. Podemos destacar que as características comuns desse padrão imobiliário estão na forma de ocupação, que ocorrem, em sua maioria, distantes dos centros urbanos e dos equipamentos públicos. Muitos são os impactos gerados a nível das sociabilidades e fragmentação do tecido urbano social, já que:

Além dos fechamentos de loteamentos e condomínios, há também o fechamento das favelas pelos traficantes de drogas, assim como o abandono dos espaços públicos. Corresponde a uma mistura de usos desconectados, mal articulados pela infraestrutura de transporte... Ela é produzida em parte pela ação (ou inação) do Estado, do mercado imobiliário e, sobretudo, pela ação do povo pobre (VASCONCELOS, 2013, p.22).

A somatória das ações feitas pelo poder público e as iniciativas privadas levam a uma outra perspectiva das tradicionais áreas centrais da cidade, agora definidas por novas centralidades. Sabendo que os centros das cidades eram tidos como referências de crescimento, já que no processo de urbanização todas as estruturas da cidade eram articuladas ao Centro, cabia aos transportes urbanos a dispersão dos cidadãos, fazendo a ligação entre Centro, franjas e zona rural.

De tal modo, Sposito (2013) destaca que a centralidade vai além de um espaço físico, a exemplo de shoppings centers ou novas áreas comerciais, sendo não apenas lugares ou áreas da cidade, mas um conjunto de fatores que passam a ter um novo significado. As centralidades se revelam no abstrato, não podendo ser vistas, nem sentidas: são representadas na memória urbana presente e no imaginário social como espaços que têm importantes funções, os quais, por sua vez, influenciam em processos cada vez mais presentes em nossa realidade, que são a segregação e a autosegregação socioespacial.

As novas centralidades, desse modo, são resultado da nova organização espacial, com áreas de grande fluxo de pessoas, atividade e serviços (agora, cada vez mais presentes) em um processo de reestruturação, no qual, dentro do território urbano, são criados novos pontos que oferecem produtos, serviços e têm a representação de centro-periferia não mais apenas localizados nos centros tradicionais, mas também, em relação a essas novas centralidades que surgem no tecido urbano

De origem latina, a palavra *segregação*, a princípio, trataria da ideia de cercamento, tendo origem na Escola de Chicago⁶, mais precisamente nos estudos de Robert Ezra Park, Ernest Watson Burgess e Roderick Duncan McKenzie. Assim como as transformações que ocorriam no espaço urbano, o termo foi se modificando e se adequando às realidades existentes, a exemplo dos estudos acerca das desigualdades nas cidades europeias, do negro e sua forma de acesso à cidade e à moradia nos Estado Unidos, e também da forma como as cidades foram se desenvolvendo pelo mundo, causando diferenciação e periferização. Posteriormente, a segregação passou a ser um dos temas mais discutidos nas Ciências Sociais e na Sociologia Urbana, dada sua importância. Podemos, então, entender que o conceito

⁵ A esse respeito Cf: ROLNIK, Raquel. Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2018. A obra analisa, de maneira muito rica, o processo global de financeirização das cidades e seu impacto sobre os mais pobres e vulneráveis.

⁶ A Escola de Chicago surgiu na década de 1910 nos Estados Unidos, inaugurou um novo campo de pesquisas sociológicas voltado para os fenômenos urbanos, constituindo assim a Sociologia Urbana.

de segregação vai além do cercamento, sendo adequado a cada realidade, de acordo com as especificidades de cada lugar. Sobre isso, vejamos:

O reconhecimento de distinções entre diferentes formações socioespaciais, de um lado, e de que os conteúdos de um conceito mudam com o tempo, de outro, não podem acarretar a negação dos princípios que fundamentam, na origem, a proposição dele (SPOSITO, 2013, p. 62).

Assim, podemos afirmar que, por ser um conceito que passou por modificações, abrangendo um amplo campo dos estudos sobre o urbano, dadas as especificidades dos lugares estudados, a polissemia acaba, em alguns casos, dificultando a sua definição e adequação ao objeto de estudo. É preciso afirmar ainda sua importância por englobar fenômenos econômicos, sociais, políticos, entre outros. Sobre isso, apontamos que:

A segregação pode e deve ser vista, valorizando-se mais uma (s) do que outra (s) de suas múltiplas dimensões, para dar força às suas determinações em cada formação socioespacial e, até mesmo, em cada cidade. Assim pode-se dar maior relevância às condicionantes e expressões econômicas, às políticas, às étnicas, às culturais, bem como se deve estar atento a múltiplas combinações entre elas (SPOSITO, 2013, p. 63).

Um outro processo importante à nossa reflexão é o de autosegregação, que, como bem mostra Sposito (2013), no Brasil, constitui a distinção dos que se consideram os “de cima”, caracterizada pela segmentação socioeconômica no poder de compra imobiliária, e pela apropriação dos melhores espaços urbanos residenciais e de consumo, podendo assim influenciar diretamente nas dinâmicas urbanas e agregar valores a determinados lugares, como, por exemplo, espaços de lazer, hipermercados, hotéis, entre outros, os quais, com a estratégia de localização, reforçam a distância social. Esse processo reforça ainda mais a diferenciação e a exclusividade na representação de determinados grupos sociais que têm acesso ao solo urbano. Observa-se, desse modo, a maneira como esses grupos reforçam a sua reprodução social, tendo a opção de escolha das melhores localizações, sempre exclusivas, podendo assim conviver apenas entre os seus “iguais” e se afastando cada vez mais do que não lhe é agradável. Casas confortáveis, sensação de segurança, bem-estar, são elementos que mantêm o *status* e o prestígio de seus habitantes, os quais possuem condições de comprar os terrenos com o maior valor de mercado. Vejamos:

A autosegregação vai além de dinâmicas radicais de segmentação socioespacial no plano residencial sendo atinente, principalmente, os “de cima” e, no caso brasileiro, orientada muito mais por formas de segmentação socioeconômica, ela está apoiada na capacidade de compra, como propriedade ou como apropriação, efetiva ou simbólica, definitiva ou transitória dos melhores espaços urbanos, o que inclui não apenas os de uso residencial, mas, também, e cada vez mais os espaços de consumo (SPOSITO, 2013, p.81-82).

Já áreas menos valorizadas, como algumas periféricas, são alcançadas por políticas que ocasionam a segregação imposta, fazendo com que o indivíduo à margem resida onde lhe é destinado, sem alternativas de local ou habitação. Também temos a segregação induzida, a qual afeta aqueles que têm alguma opção de escolha, como preço da terra e de imóveis, dentro de limites determinados. Nessa política de classes, as elites se autosegregam, gerando, por consequência, a segregação imposta e induzida, pois:

Explicitamente, a política em tela se faz por meio da legislação que estabelece normas urbanísticas e tributação diferenciadas no espaço urbano, assim como por meio de obras públicas distintas direcionadas para os diferentes grupos sociais (CORREA, 2013, p. 44).

Logo, vemos que, quando esses tipos de segregações são efetivadas, torna-se difícil reverter os padrões espaciais destinados às áreas segregadas. Além das políticas, o mercado imobiliário também tem influência, pois estabelece os valores. É o mercado que dita preços diferenciados da terra urbana e da habitação, levando à escolha, segundo a capacidade que o indivíduo tem de pagar por sua moradia:

A autosegregação implica, ao menos por parte de membros do grupo de alto status, controle, em maior ou menor grau, do aparelho do estado, das principais atividades econômicas, das melhores terras urbanizáveis e de empresas imobiliárias. Implica também acesso a informações sobre a cidade e suas dinâmicas, (...) o grupo autosegregado tem condições de criar ou influenciar normas e leis capazes de exclusividade do uso do solo, tornando-o impeditivo aos grupos sociais subalternos (CORREA, 2013, p. 43).

Os processos que levaram à construção das cidades em suas formas socioespaciais deixaram até hoje a herança de melhores condições para quem pode pagar e de precariedade e instabilidade para os que não podem comprar. De tal modo, a cidade vem se tornando cada vez mais segregado, seja por barreiras físicas e sociais, que atingem a população mais empobrecida, ante os empreendedores do espaço, seja em processos públicos e privados, já que o que temos como cidade concreta é resultado das dinâmicas existentes entre os indivíduos, daí a importância de compreender quais são aqueles que segregam e quais são os segregados.

No ano de 1970, alguns programas federais foram destinados às cidades brasileiras, cuja aplicação tinha por objetivo solucionar problemas urbanos dos municípios de médio porte, problemas esses vindos da imigração campo/cidade, que ocasionou uma urbanização acelerada, desordenada e aliada à falta de estrutura urbana. De acordo com Carvalho (2017), nos anos de 1970 a cidade de Campina Grande passou a ter novas propostas, as quais buscaram modificar a imagem da cidade, apoiadas no discurso de modernidade e da reorganização. Dentre essas propostas, destacamos aqui o Projeto CURA (Complementação Urbana de Recuperação acelerada):

O CURA, pois, evidencia umas das imagens mais fortes e concretas de Campina Grande como premissa da representação de um urbanismo que teve por marca o planejamento impulsionando a dinâmica da estrutura urbana da cidade e, por consequência, a distribuição desigual deste espaço inscrita na cidade por segregados efeitos (CARVALHO, 2017, p. 140).

Nesse sentido, torna-se relevante analisar o que tem ocorrido no bairro do Itararé. Localizado na Zona Sul de Campina Grande, o Itararé sofreu intervenções públicas e privadas, as quais modificaram sua forma socioespacial e causaram impactos no que concerne à historicidade do bairro, bem como no que diz respeito ao não reconhecimento dos antigos moradores enquanto pertencentes daquele espaço.

A requalificação nos possibilita refletir sobre o espaço urbano e os seus modos de uso, o que nos permite aqui analisar as modificações urbanísticas no Bairro Itararé e perceber todas essas modificações por meio de imagens e de falas dos moradores.

Como nos diz Pesavento (2008), mesmo parecendo contraditória, há uma continuidade entre imagens e discursos, compartilhada diferentemente como representação de um passado reinscrito no tempo.

De acordo com Carvalho (2018), o Programa Cura ⁷ (Programa Complementação Urbana de Recuperação Acelerada) tem uma influência nesse processo de transformações socioespaciais de Campina Grande, o qual atingiu não só o Bairro Itararé, mas toda a Zona Sul da cidade, acentuando e impulsionando nos anos 2000 a verticalização da cidade⁸.

3 METODOLOGIA

A busca para se chegar aos objetivos deste artigo se deu através da realização de Entrevistas Semiestruturadas com a escuta de três (3) antigos moradores residentes do primeiro conjunto habitacional, que vivenciaram de perto as mudanças ocorridas no bairro Itararé, onde conseguimos chegar até eles através de pessoas conhecida que nos passaram o contato e assim combinamos dia e hora para realização da entrevista. Além das entrevistas, fizemos uso de fotografias que nos possibilitaram interpretar tais mudanças. Esses foram os recursos metodológicos que melhor se adequaram à nossa pesquisa de campo, alicerçada também em leituras teóricas.

Em termos metodológicos, a pesquisa tem abordagem qualitativa. Inicialmente, respaldamo-nos em uma base bibliográfica, trabalhando teorias que tratam da autosegregação socioespacial. Em um segundo momento, recorreu-se à Pesquisa de Campo, fazendo uso da observação direta e da coleta de dados, todas alicerçadas na pesquisa bibliográfica.

Enquanto instrumento de pesquisa, recorreremos à entrevista semiestruturada, a qual nos proporcionou uma maior interação entre o entrevistador e o entrevistado. Buscamos observar, junto aos antigos moradores, a linguagem visual do bairro, já que, por meio da fotografia, tem-se a capacidade de entender o sentido e sociologicamente podemos interpretá-los no momento presente, remetendo-nos, assim, às dinâmicas e vivências sociais. Desse modo, podemos entender que:

(...), decifrar o que se esconde por trás do visível (e do fotografável) continua sendo um desafio para os cientistas que se documentam com expressões visuais da realidade social. Um desafio, sobretudo, de natureza metodológica (MARTINS, 2009, pp. 65-66).

O uso da imagem com referência para a pesquisa proporciona ao entrevistador não uma realidade pronta, mas a possibilidade de interpretar a realidade apresentada na fotografia:

Sem contar que há, até mesmo, quem acredite que um sociólogo (ou um antropólogo) possa fazer imagens propriamente sociológicas, que já

⁷ A partir do final da década de 1970, Campina Grande passa a ser beneficiada por uma série de programas federais que viabilizarão consolidar sua estrutura urbana, sintetizada a partir dos discursos presentes em planos e estudos. Dentre esses o CURA que, juntamente com o PDLI (Projeto de Desenvolvimento Local Integrado), passava a invocar a cidade por um conjunto de ações que enunciavam promover e complementar o seu adensamento urbano (CARVALHO, 2017).

⁸ A esse respeito Cf: CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. **Para além da pedra e cal**: discurso e imagens de Campina Grande (1970 a 2000). Campina Grande: Edupeb, 2017.

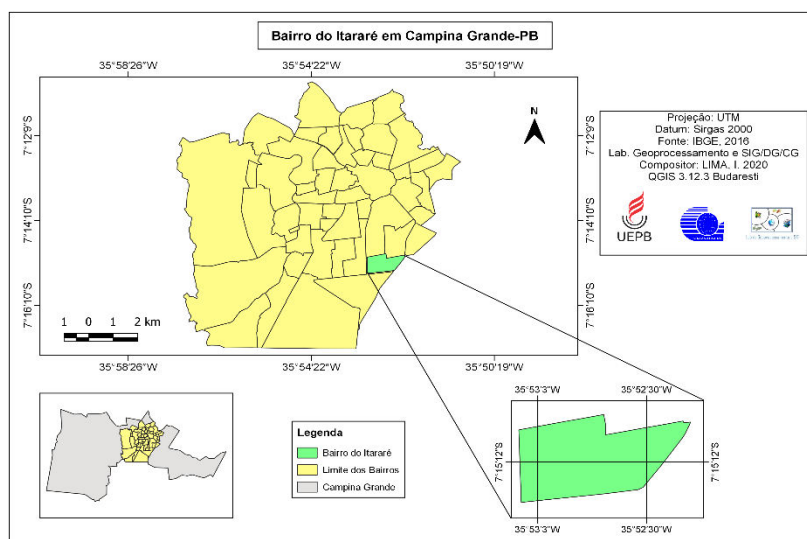
tenham em si mesmas a descrição e a explicação do que foi fotografado ou filmado (MARTINS, 2009, p. 10).

Através das entrevistas semiestruturadas, utilizadas para a coleta de dados, foi feita a análise de discurso dos entrevistados. Entendemos que o discurso, escrito ou oral, configura-se numa construção de significados e sentidos diversos, os quais não ficam restritos às regras linguísticas formais. Nessa perspectiva, a fala é pensada não em seu sentido literal, mas em seus elementos exteriores, como a expressão corporal, papel social e o contexto, assim nos conduzindo à interpretação geral de um comentário, sendo o sentido resultante das narrativas discursivas diversas, inseridas no lugar de fala do sujeito. Logo, a tarefa do pesquisador é fazer um recorte do discurso dos sujeitos envolvidos e “desvendar” o não-dito, o invisível, o qual faz surgir um novo discurso, a partir da análise, levando em consideração as suas condições de produção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. DA OCUPAÇÃO BROTOS AO BAIRRO ENOBRECIDO: MEMÓRIAS DE UM LUGAR

Figura 1: Mapa localização Bairro Itararé



Fonte: LIMA, Isaías (2020).

A partir do ano de 1980 a área do bairro Itararé passou a ser ocupado pelos pobres urbanos em um processo migratório campo/cidade. Por ser uma área onde se tinha muitas terras em obsolescência, inclusive uma grande fazenda — a Fazenda Itararé —, a qual deu nome ao bairro, as pessoas encontravam lá uma alternativa de se instalar na cidade.

A origem de tudo ali primeiro o Itararé foi Itararé porque tá numa região da Fazenda Itararé, que foi a origem, né, das origens e aí aquela, aí tinha uma invasão. A invasão dos Brotos e tinha o Motel Brotos que agora é aquela

churrascaria Itararé, né, ali era o Motel Brotos que era de seu Marcos e ele vendeu tudo e foi pra São Paulo, aí os Matias conhecidos demais vieram construindo tudo ali. Ali tinha uma lagoa que pegava quase onde era a churrascaria e Matias teve que aterrar pra construir aquilo ali, era a lagoa dos padres, era conhecido como lagoa dos padres, era justamente a área que queríamos pra trazer os equipamentos comunitários. Aterraram e aí veio a invasão (G. B., antigo morador).

Atualmente, o prédio do Brotos Motel ainda resiste em meio às mudanças. Ainda que com outro nome, tem a mesma finalidade e pouco se consegue observar em relação às marcas do passado do bairro. As mudanças continuam acontecendo de maneira acelerada. Onde antes se encontrava a ocupação hoje temos em frente ao antigo Brotos Motel, um Restaurante bastante conhecido na cidade, conforme podemos observar nas figuras 1 e 2, a seguir:

Figura 1: Traços da memória



Fonte: COSTA, Mariana (2020).

Figura 2: Novas configurações das marcas do passado, antigo Brotos Motel



Fonte: COSTA, Mariana (2020).

Como mencionamos, o Bairro Itararé teve como origem a Ocupação do Brotos, localizada nos arredores da Fazenda Itararé e caracterizada por moradias precárias de pessoas que vinham de outros bairros e até mesmo de outras cidades, na busca por um espaço dentro do solo urbano, seguindo, assim, o mesmo processo ocorrido no país, com a migração campo-cidade. No entanto, o bairro começou a adquirir um novo perfil e logo as intervenções começaram a surgir, modificando tanto as formas socioespaciais do bairro, quanto o perfil de seus moradores. Onde no início se encontrava apenas duas áreas com habitações que eram a ocupação e um pequeno loteamento, chamado Contorno de Catolé da Caixa Econômica Federal.

Quando eu fui morar lá, eu nem sabia, era 30 era 42 residências, foram financiadas pela Caixa. Era um conjunto, chamava loteamento contorno do catolé, o primeiro nome de lá era esse, eu comprei o terreno é com esse nome, foi a origem de tudo o contorno do Catolé e aí o Catolé abrangia aquela área, não tinha divisão de bairro que nem é hoje né, o Sandra Cavalcante Catolé e aquela região ali era o Catolé, não existia Itararé só, só a Fazenda Itararé que deu origem lá ao bairro ali o Itararé que agora ... (G. B. Antigo morador).

Uma outra característica fundamental para que o bairro recebesse incentivos no que diz respeito às melhorias de infraestrutura foi a organização comunitária, levando a crer que todas as conquistas foram resultado de lutas.

Fui o fundador do Conjunto, fundei até uma Associação de Moradores, liguei esgoto em duas ruas grandes lá, depois consegui as máquinas na Prefeitura [PMCG] abri a primeira rua que é a Assis Rocha Figueiredo. Lá do *Motel Ok*. Aqui eu moro (situando a casa em que mora até hoje) tem primeiro andar na entrada, ali [apontando em direção] eu consegui que cavassem a vala, eu pedi aos moradores que comprasse os canos que não tinha, eu arrumei a mão de obra liguei as casa *tudim* com a equipe da Prefeitura; aí, pegamos a outra rua que tem o Mercadinho que é de Sílvia [Antigo morador] arrumamos o equipamento ligamos *tudim...!* Levamos o outro, quando chegava ali onde tá o *Motel* [Motel OK] naquele ponto de ônibus da calçada. O *Motel Ok* né, ele fazia a manobra e voltava era o 404 e o 444 ficaram entrando lá, que não entrava. Deixava a gente lá no Campestre, e a gente vinha a pé de lá, eram

muitos anos... A gente vinha lá de noite, nem um ônibus ia ali, nem na entrada do conjunto, mas a gente forçou a STTP [Superintendência de Trânsito e Trânsito e Transporte Público] até a Associação de Moradores, né, que eu fundei a minha esposa conseguiu né levar um ônibus pra lá, que nunca teve né! Depois de 10 anos morando lá, conseguimos arrancar as cerca de arrame, destruir e abrir pra que a gente tivesse acesso pro Sandra Cavalcanti [Conjunto Sandra Cavalcanti] pra não passar pelas brechas nos arrame... (G. B, antigo morador).

Diferentemente do que acontecia antes na questão da participação e de organização comunitária, o que podemos perceber hoje é que, assim como as mudanças físicas do bairro, a ação comunitária também foi perdida, já que, cada vez mais, as pessoas não buscam esses espaços para se levantar as demandas da população no geral. Atualmente, apenas o Clube de Mães funciona, apesar de toda dificuldade para se conseguir uma estrutura física. O espaço onde atualmente funciona é em uma casa alugada e, como no bairro também não existe Igreja Católica, ambas as partes, Clube de Mães e a Pastoral da Igreja, dividem o aluguel do espaço, que é no valor de R\$ 720,00 reais. Também se tem a dificuldade de se encontrar pessoas dispostas a ir em busca de melhorias, visto que a participação vem diminuindo cada dia mais.

Antes, no início, logo assim nos primeiros anos, tinha bastante participação. Mas de uns anos pra cá, faz uns cinco a quatro anos mais ou menos que diminui muito a participação das Mães porque muita gente mudou outras morreram e as coisas foram ficando difíceis. A gente já foi bem movimentado numa época, temos até um nome que é *Margarida Maria Gabriel de Lima (uma das primeiras moradoras do bairro)* que é o nome do Clube de Mães. Em relação mesmo a participação das Mães eu digo assim, eu porque é eu mesmo que tomo a iniciativa de providenciar um “bingozinho”, uma cesta básica, uma Tupperware com biscoitinho assim, que ela vem com ânsia de ganhar e participar assim de vinte e até quarenta pessoas. Mas também elas só vêm se tiver as coisas (M.G, antiga moradora e atual Diretora do Clube de Mães).

Quando chega pra uma reunião no Clube de Mães ou pra eleger o Clube de Mães mal funciona porque não tem quem queira dirigir o Clube de Mães né?! E falta de liderança porque *naquele tempo era mais fácil você conseguir o vice, tinha o tesoureiro*, sabe, que conhecia bastante pessoas, nós conseguimos montar uma chapa e fazer a eleição e tudo né, se fosse hoje talvez não fizesse, mesmo sendo um ponto tão grande né?! *Mas as pessoas não querem mais, então houve esse isolamento das pessoas de lá pra cá* (G. S. morador do bairro).

Como podemos ver, as falas acima reforçam a ideia de que se tinha uma importante participação popular nas atividades propostas em busca da melhoria do lugar, mas, com o passar dos anos, as transformações espaciais e sociais concernentes ao perfil dos moradores diminuíram a participação, sendo necessário o incentivo através de “premiações” para que as poucas pessoas que frequentavam se sentissem motivadas a participar, mostrando-nos que os interesses comunitários também foram modificados.

Com todas as transformações vindas dos investimentos, sejam esses públicos ou privados, que modificaram tanto a estrutura dos padrões imobiliários do bairro quanto o perfil socioeconômico dos moradores, a revalorização voltada a esse espaço cada vez mais privilegia o acesso de um determinado grupo social a esse lugar. Esses grupos, por sua vez, negam as origens anteriormente periféricas do bairro.

Primeiro apareceu o Broto Motel, quem deu o nome, né, tem Padre Zé Vanildo fala muito no brotinho (ocupação dos brotos seu Gil como que tá o brotinho) (ocupação dos brotos) ai eu falo ei Padre Zé, lá não tem brotinho não, aí depois apareceu o Motel Ok (antigo Brotos Motel), apareceu o Senhor do Mercadinho [morador no qual tem comércio no bairro] ali e são tudo coisa que é uma crescente no bairro né, e depois apareceu a UNIFACISA [...] ou seja a FACISA e depois a UNIFACISA e por aí aquelas casa que não serviam de nada ou para nada *o povo era tudo dizendo que ia vender que ia embora e quem vendeu se arrependeu até hoje, né! Porque não pode mais voltar [Grifo nosso]* nós temos pessoas que moram do lado de lá do Catolé [bairro do Catolé] ali, numa rua que até hoje não tem calçamento e hoje aqui nós temos! (G. S, morador a 32 anos do bairro).

Um novo padrão se instala no bairro, a busca por segurança e isolamento representados por cercas elétricas e serpentinas, câmeras de segurança, assim também como as ruas vazias com pouca movimentação. Observemos esse novo padrão nas figuras 3 e 4 a seguir:

Figura 3: Novas formar de habitar - Bairro Itararé



Fonte: Pesquisa PIBIC (2018-2019).

Figura 4: Autossegregação e consumo do lugar - Bairro Itararé



Fonte: Pesquisa PIBIC (2018-2019).

A segregação do Bairro Itararé está associada à área residencial, urbana, social dentre outras, e, devido à polissemia do termo, o conceito se adequa à cada realidade, em suas diversas formas de segregar, ligadas à natureza espacial. Em nossa discussão, ressalta-se a segregação socioespacial, pois é a partir dela que se apresenta a realidade do bairro. Os processos da vida urbana estão sempre em movimento e se transformam. Logo, existem condicionantes que podem influenciar diretamente na segregação, seja de maneira objetiva, seja de modo subjetivo, como no caso UNIFACISA⁹:

Desejada por diversos grupos de educação, a Unifacisa deve faturar este ano mais de R\$ 200 milhões, com uma margem de 36%. A universidade, que se espalha por um campus de 42 mil metros quadrados de área construída, tirou a nota máxima do MEC em nove de seus 17 cursos, incluindo Medicina, Direito, Ciências Aeronáuticas, Nutrição e Fisioterapia. (Todos os outros cursos têm um “4”, a segunda melhor nota). São 6 mil São 6 mil alunos, 1.200 dos quais pagam um tíquete médio de R\$ 8 mil para estudar na Faculdade de Medicina, a joia da coroa¹⁰.

Essas transformações que aconteceram ao logo dos anos modificaram decisivamente a paisagem, por meio das muitas construções, da expansão do solo urbano, e do estabelecimento de novos padrões residenciais e econômicos, o que atingiu diretamente o perfil dos moradores, uma vez que os padrões são elevados e

⁹ Centro Universitário Unifacisa começou sua história em 1999 e, desde então, se compromete com uma educação de qualidade. O Centro Universitário amplia a cada ano a oferta de cursos baseados nas necessidades do mercado. Construída no Estado da Paraíba, a Unifacisa e a Esac realizam em Campina Grande uma educação superior modelar. A Unifacisa e a Esac fazem parte de um conglomerado de empresas voltadas para as áreas de educação, cultura, saúde e desenvolvimento social. Integram o grupo: uma emissora de televisão, um teatro, três clínicas-escola, um centro de treinamento em aviação e a premiada Fundação Pedro Américo. Nosso Centro Universitário é avaliado como o melhor do Norte-Nordeste. Cf: <https://www.unifacisa.edu.br/quem-somos>

¹⁰ <https://www.polemicaparaiba.com.br/paraiba/campina-grande-aula-magna-no-agreste-a-fantastica-historia-da-unifacisa-por-geraldo-samor/>

pensados para um público-alvo, produzindo, assim, a modificação de uma população, que, mesmo tendo participado de todo o processo de constituição do bairro, não se reconhece mais naquele espaço, tendo como opção a venda das casas onde morava. Nos casos de arrependimento de tal decisão, essas pessoas não possuem meios para retornar.

A saída de muitos moradores tem efeito direto nas relações de vivências e sociabilidades de pessoas que antes tinham toda uma história de vida articulada à formação de um novo bairro dentro da cidade, pessoas que, aos poucos, foram em busca de melhorias, sejam elas no calçamento de uma rua, na conquista de uma linha de ônibus que passasse dentro do bairro, ou na chegada de outros moradores que conviveram ao longo de muitos anos.

Eu acho que na vivência houve, nos perdemos né, nós perdemos aquele contato e hoje em dia o único elo que existe é esse Clube de Mães e eu vejo que ele não agrega bem não sabe?! (...) houve também nesse sentido também da melhoria do poder econômico, houve uma melhoria do poder econômico, não que as pessoas que foram pra lá eram miseráveis até os que chegaram primeiro era em casa financiada pela Caixa qualquer um podia naquele tempo (...)mas se perdeu mesmo um pouco isso ai talvez por esses fatores. (G. morador do bairro Itararé).

São pessoas de outros bairros né pessoas já bem esclarecidas que vieram só complementar o bairro né porque esse bairro aqui é enxerido minha filha, é cheio de gente inteligente viu, eu tenho ali num caderno velho tantos pedreiros tantos enfermeiros no bairro, mecânicos, eletricitas, pessoas da igreja né não só católicas como a as outras denominações né isso é um crescimento para o Bairro. (G. S. morador do Bairro Itararé).

Eu já vejo mais dificuldade, depois foi mudando, mas mudando pra pior no modo de vida, relação humanas que as pessoas se isolaram mais... é acho que houve um momento também que as pessoas progrediram mais né e essa progressão isso ai cobra outro preço, essas mesmas famílias que a gente conhecia no início a gente tem um pouco mais (...) as pessoas não têm mais aquela comunicação que se expõem a sair pra uma reunião por se isolarem em casa acho que cresceram nesse ponto e perderam e muito né, não tem mais aquela convivência que tinham, e quando ainda se encontra a gente se fala mas não tem mais aquele vamos dizer, vamos se encontrar na bodega de fulano ele vai liberar a venda pra gente se reunir, não se faz mais isso ou por medo da violência ou por comodismo, ou que não queiram lutar por mais nada porque acha que já adquiriu né, algum status que por ali tá bom porque eu vou lutar mais né, se a gente tinha dificuldade naquela época hoje em dia tem triplicado né?! (M. G. moradora do bairro).

Além das mudanças do padrão imobiliário que, como destacamos, foram impulsionados pelas transformações gerais sofridas pelo bairro, um outro marco de mudança foi a instalação da UNIFACISA Centro Universitário (vide Figura 5), que além de um fator de segregação, modifica o perfil de moradores, agora estudantes e, por consequência, desenvolve o setor imobiliário, cada vez mais crescente na área. Um Centro Educacional voltado, principalmente, para grupos que possam pagar, e muito bem, para ter acesso à educação superior, chegando a cobrar, em média, mensalidades de R\$ 8 mil.

Figura 5: A chegada da UNIFACISA: entre transformações e segregação



Fonte: www.unifacisa.edu.br

A instalação da UNIFACISA despertou mais uma vez o interesse do setor imobiliário, fazendo com que se construíssem novos tipos de moradias – um segmento do mercado gerado com a vinda de novos moradores, a exemplo de estudantes que passaram a morar na área, em função da instalação de um grande empreendimento educacional (a UNIFACISA). Logo, o surgimento de condomínios (vide figuras 6 e 7) voltados a esse público passou a ser cada vez mais presente no bairro e, principalmente, nos arredores da instituição, levando em conta o grande número de terrenos vazios em seu entorno à espera de especulação imobiliária. De maneira a se comportar como um fenômeno ora de expulsão ou “aproximação”, dada a demanda de trabalhos preconizados dos antigos moradores da área aos seus recém-chegados moradores, sob a prestação de serviços domésticos em sua maioria.

Figura 6: Transformações em curso, desafios à permanência



Fonte: Pesquisa PIBC (2018- 2019).

Figura 7: ... E os novos moradores se fazem presentes



Fonte: COSTA, Mariana (2020).

Podemos perceber nas falas dos entrevistados que essa mudança no perfil dos moradores provoca também um distanciamento entre os novos e os antigos. As relações foram modificadas e, cada vez mais, estão diminuindo, chegando até mesmo ao não conhecimento de quem são os próprios vizinhos.

Só tem com os antigos que são remanescentes né, que uns saíram de lá foram embora que até contribuíram com muitas coisa lá mas não estão mais, então os novos moradores a gente não tem mais uma vivência (...), veio os novos moradores a gente não tem mais aquela vivência, é: oi, tudo bem?! Do vizinho do outro lado a gente via mais, mas hoje em dia não tem mais contato como a gente tinha, então perdeu esses laços, foram se perdendo. (G. S. morador do Bairro Itararé).

Assim, os termos de segregação e de transformações socioespaciais nos possibilitam fazer tal leitura do Bairro Itararé e identificar através das falas e imagens as modificações do espaço e de seus cidadãos, uma vez que as relações sociais que diferentes sujeitos estabelecem no solo urbano é o que produz os sentidos e os significados de uso e apropriação do mesmo. Ainda que exista um movimento que busque preservar a memória urbana com um intuito de preservar momentos construídas no passado que contam realmente a história de determinados lugares percebemos que no bairro Itararé essa história está apenas na fala de seus moradores que vivenciaram de fato tais histórias, sejam elas memórias individuais ou coletivas, logo a cidade une indivíduos como um coletivo de vivências e esses fatos é quem fazem com que a memória urbana seja mantida.

5 CONCLUSÃO

Diante do que foi apresentado até o momento, nota-se que o processo de transformações socioespaciais ocorrido no Itararé resulta num modelo estratégico de segregação, agora voltado especificamente para uma população que possa se adequar a esse novo padrão. Por consequência, os moradores de uma ocupação, os pobres urbanos, foram excluídos desse território para outras partes da cidade por não

se enquadrarem a essa nova realidade, que passou de um bairro surgido de uma ocupação popular a um bairro enobrecido.

Aliadas à ideia de requalificação, as transformações no território físico, sua expansão territorial e valorização do solo urbano, atingiram toda a Zona Sul, trazendo novos incorporadores, que elevaram os padrões imobiliários, com comércios e centros educacionais. Em meio a esses processos de requalificação, o que também temos é a mudança dos moradores e de seus perfis, afetando toda a dinâmica de coletividade, solidariedade e de luta por melhorias, que anteriormente existia no Bairro Itararé, o que acaba, por sua vez, sendo um ponto a refletir, já que ocasiona a perda da memória e de sua representatividade, passada através da oralidade dos moradores mais antigos.

Ainda ressaltamos que as mudanças continuam acontecendo e a quantidade de terrenos e construções voltadas ao novo perfil de moradores, ainda em andamento, indicam que há muita mudança a acontecer, o que contribuirá para a continuidade das transformações socioespaciais acentuadas a partir dos anos 1990.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, Vol. XIV, 1998.

BARRETO, Maria Cristina Rocha. *Imagens da cidade: a ideia de progresso nas fotografias da Cidade da Parahyba*.1996.177f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. *Para além da pedra e cal: discurso e imagens de Campina Grande (1970 a 2000)*. Campina Grande: Eduepb, 2017.

CORREA, Roberto Iobato. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2009.206p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 10ed. São Paulo: Vozes, 1997.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In: FERRAZ, Célia; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2. ed. Porto Alegre: Edt UFRGS,2008.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Segregação socioespacial e centralidade urbana*. In: VASCONCELOS,2013.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuições para o debate sobre os processos e formas socioespaciais nas cidades. *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013.

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a Deus não só por essa conquista, mas por estar presente em todos os momentos de minha vida, guiando-me em seus caminhos, buscando sempre ser uma pessoa melhor por ele e para ele.

À minha Mãe Maricleide por ser o meu maior incentivo na vida, obrigada por tudo. Tenha a certeza de que essa conquista de uma formação superior é mais sua que minha. Agradeço também a meu Pai Edvaldo (*in memoriam*) que de alguma maneira contribuiu para essa realização. A Deyvison por estar sempre comigo, me ajudando a continuar.

Aos meus familiares, e a todos que sempre me incentivaram a continuar e poder descobrir que só através da educação é que podemos nos transformar e, por consequência, transformar o mundo em que vivemos.

Gratidão também aos amigos que fiz nessa jornada do Curso de Sociologia na UEPB: obrigada pelas tardes de conversas, café, risadas e agonia. Nunca vou esquecer de vocês, pois já são parte da minha vida;

À minha Orientadora Maria Jackeline Feitosa Carvalho, que me apresentou um universo fantástico, que é o urbano, dando-me a oportunidade de colecionar experiências riquíssimas, não só como profissional, mas também como humano. Obrigada pela ótima orientação e pelos anos de GEUR (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Urbano).

Aos antigos moradores e moradoras do bairro Itararé, que se dispuseram a partilhar suas memórias e vivências, meu eterno agradecimento!

A todos os professores e professoras da Universidade Estadual da Paraíba, que tive a chance de conhecer e aprender.

À Banca de TCC, Professora Waltimar Lula e Antônio Albuquerque, pelas contribuições e aberturas a esse diálogo. Muito obrigada!